

ENTREVISTA COM ISABEL SEARA

Entrevistadores: Dennis Castanheira e Cristiane Dall’ Cortivo Lebler

Entrevistada: Isabel Roboredo Seara

Neste número da *Rascunhos Culturais*, dedicado à Linguística de Texto e suas interfaces, , entrevistamos a pesquisadora Isabel Roboredo Seara, referência nos estudos linguísticos em Portugal, com quem vários pesquisadores brasileiros vêm estabelecendo colaborações de pesquisa ao longo dos últimos anos. De maneira clara e didática, a entrevistada apresenta reflexões relevantes para as investigações da Linguística de Texto, sobretudo a partir de suas perspectivas de interface. Esperamos que a leitura seja de grande valia para os estudiosos da área e também para os demais interessados.

Isabel Roboredo Seara é professora do Departamento de Humanidades, coordenadora do Mestrado em Estudos de Língua Portuguesa, na Universidade Aberta, e cocoordenadora do Doutoramento em Didática de Línguas – Multilinguismo e Educação para a Cidadania Global, Universidade Aberta e NOVA de Lisboa. É investigadora do grupo Gramática & Texto no Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa e do Grupo de Investigação Pragmática, Discurso e Cognição (PraDiC) do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho. É investigadora colaboradora do Laboratório de Educação a Distância e e-Learning (LE@D), no qual coordena o projeto DIGITHUM – Digital Humanities. É mestre em Linguística Aplicada e Didática de Línguas pela Universidade NOVA de Lisboa e doutora em Linguística Portuguesa pela Universidade Aberta. Desenvolve trabalho de investigação no âmbito dos estudos de Pragmática, Análise do Discurso, Retórica, e Didática do Português Língua Materna, privilegiando igualmente os estudos de comunicação digital, nomeadamente as questões de cortesia e de agressividade verbal.

Entrevistadores: O campo dos estudos do texto e do discurso é muito produtivo em diferentes países. Você percebe peculiaridades entre os modos de fazer pesquisa na área de Linguística de Texto no Brasil e na Europa, especialmente em Portugal?

Entrevistada: Na verdade, dada a dimensão de um país como o Brasil, não há medida comparativa relativamente ao que efetivamente se produz em Portugal. Normalmente, para

que se percebe a comparação, costumo mencionar o exemplo da ABRALIN e da APL, duas associações congêneres: a Associação Brasileira de Linguística e a Associação Portuguesa de Linguística. Tenho a honra de pertencer a ambas e de ter participado recorrentemente em congressos e encontros científicos de ambas as associações e podemos constatar a participação de milhares de pesquisadores no Brasil, ao passo que em Portugal, somos sempre menos de uma centena. No que se refere à Linguística do Texto, somos muito poucos a desenvolver trabalho em Portugal, pois as áreas da Linguística que são privilegiadas são as mais tradicionais. Creio que o mesmo cenário se regista na Europa, malgradamente.

O que me encanta e entusiasma na forma de fazer pesquisa no Brasil é a dinâmica que resulta de grupos de pesquisa, em que convivem pesquisadores seniores, com vasta e relevante publicação, e jovens pesquisadores, fomentando, assim, a construção de um saber conjunto. Tenho a honra de pertencer a alguns grupos de pesquisa no Brasil e testemunho esta aprendizagem contínua que tanto me enriquece: no Grupo de Pesquisa "Pragmática (inter)linguística, intercultural e cross-cultural, da USP, extremamente jovem e produtivo, as pesquisadoras mais jovens, com os seus amplos conhecimentos informáticos que aliam à sólida formação linguística, ensinam-nos continuamente e permitem, sobretudo, que não estagnemos e que constatem as mais-valias das ferramentas digitais por exemplo na análise de vastos *corpora*.

Inversamente, em Portugal, não constato esta dinâmica de grupo, pois somos muito poucos a trabalhar no âmbito da Linguística do texto e do discurso. O que me apraz realçar é que, maugrado o número reduzido, somos de diferentes universidades (FCSH – NOVA, Universidade do Porto, Universidade do Minho e Universidade Aberta) e encetamos e privilegiamos contactos com os colegas de vários países europeus e, naturalmente, com o Brasil e com os países lusófonos e hispânicos.

Entrevistadores: Em artigo escrito com Leonor Werneck dos Santos e publicado na Revista *Diacrítica*, de Portugal, vocês investigaram comparativamente o fenómeno da referenciação em textos da mídia brasileira e portuguesa. Como você analisa a importância de pesquisas que comparem questões textuais e discursivas em contextos diferentes?

Entrevistada: A Professora Doutora Leonor Werneck é uma das pesquisadoras brasileiras com quem tenho o privilégio de trabalhar há vários anos. Tudo começou com o pedido para que orientasse o seu estágio pós-doc na minha universidade, em Lisboa. Dado que leciono numa universidade de ensino a distância, a Universidade Aberta, a única universidade pública

em que todos os cursos, desde a graduação (licenciatura) à pós-graduação (mestrado, doutorado, pós-doc) são lecionados numa plataforma de *e-learning*, é muito vantajoso para quem está no Brasil, pois pode facilmente prosseguir a sua formação em Portugal. Naturalmente que é possível seguir *in prasentia*, mas como todos comprovámos no período pandémico que vivenciámos, são inúmeras as vantagens do regime de *e-learning*.

Embora os estudos sobre referenciação não fossem a minha área de investigação privilegiada, fiquei fascinada com o trabalho da Professora Doutora Leonor Werneck e, numa avaliação final do trabalho desenvolvido, considero que os papéis se inverteram, pois mais do que orientar a sua pesquisa pós-doc, eu aprendi enormemente, logo acabei por ser eu a sua aluna. Ao envolver-me na análise de corpus da mídia brasileira, objeto do estudo da Leonor, percebi que seria interessante procedermos a uma análise comparativa e sugeri-lhe esse estudo. Procedemos a recolha de *corpora* em jornais *online* portugueses, brasileiros e moçambicanos, sobre a mesma temática (um dos mais relevantes foi o assassinato de Marielle Franco) e ensaiámos ampliar a discussão teórica sobre referenciação, analisando artigos de opinião que tratam de temas associados à violência. Discutimos tópicos sobre referencialidade e convocámos também pressupostos sobre argumentação para descrever o comportamento das anáforas como marcadores axiológicos da condução argumentativa dos textos com temática política, e para demonstrar como a anáfora e a dêixis podem ajudar a marcar ideologicamente o texto.

O fascínio foi crescendo e este conduziu-nos a outros sonhos: no final do estágio pós-doc, concebemos um curso MOOC (*Massive Online Open Course*) que foi disponibilizado gratuitamente na plataforma da Universidade Aberta (<https://aulaberta.uab.pt/blocks/catalog/detail.php?id=50>) e que ofereceu uma oportunidade para conhecer e explorar teorias sobre referenciação recentemente desenvolvidas em vários países, como Portugal, Brasil e França. O curso foi concebido para formar e atualizar alunos e profissionais da área de Letras, Linguística e Comunicação Social interessados na temática da referenciação, relevando que o conhecimento desta temática, central na Linguística de Texto, é extremamente relevante e útil nas aulas de língua portuguesa, em todos os níveis de ensino, desde a educação básica ao nível superior. O curso foi um sucesso, tendo na primeira edição mais de quinhentos formandos, o que nos conduziu a disponibilizar uma segunda edição, que se revestiu de igual interesse.

Em suma, uma pesquisa individual de pós-doc pôde gerar múltiplos contactos, fazer progredir o conhecimento, divulgar trabalhos académicos e científicos que, de outra forma, ficariam nas estantes de qualquer biblioteca. O fórum de partilha bibliográfica que criámos no âmbito

do referido MOOC *Referenciação: abordagem textual-discursiva e aplicação pedagógica* comprovou inequivocamente as vantagens dos estudos comparativos e contrastivos. E estes, por vezes, atestam que, embora as idiossincrasias socioculturais possam ditar diferenças, há inúmeras similitudes, como tenho ensaiado demonstrar em vários estudos comparativos com pesquisadores brasileiros, nomeadamente os que tenho empreendido com os Professores Doutores Ana Lúcia Tinoco Cabral (PUC-SP) e Rodrigo Albuquerque (UnB).

Entrevistadores: A Linguística de Texto é uma abordagem teórica muitas vezes relacionada à Análise do Discurso. Em sua perspectiva, como essa interface pode ser feita?

Entrevistada: Subscrevo absolutamente o diálogo entre diferentes abordagens teóricas, pois creio que o conhecimento profundo, aquele que gera um diálogo sério e empenhado, pode estar ao serviço da construção do conhecimento.

Desde a década de sessenta do século passado, Jakobson, Bakhtin e Labov questionaram o papel da análise linguística restrita aos limites da frase. A linguística textual inscreve-se nessa linha de pensamento, subscrevendo que a linguística não pode ficar limitada à análise de categorias gramaticais. É esta abordagem que Jean-Michel Adam chama "análise do discurso textual" em que se conjugam, assim, duas orientações que não têm a mesma origem epistemológica nem a mesma história: a linguística textual e a análise do discurso. A linguística textual afasta-se deliberadamente da epistemologia generativista, e tem construído um percurso evolutivo, desde a fase transfrásica à cognitiva, seguidamente aproximando-se da abordagem pragmática para se fixar em modelos sociocognitivos e interacionais que comprovam a evolução natural e a necessidade permanente de atualização das noções de texto e de discurso.

Este diálogo que subscrevo entre a linguística textual e a análise do discurso, disciplinas – não o podemos olvidar - do campo das ciências da linguagem deve, em minha opinião, convocar outros campos do saber, dos mais tradicionais, como a Retórica e a Estilística, aos mais recentes das Ciências da Comunicação, da Semiologia, nomeadamente para analisar as interações digitais que hoje dominam o nosso quotidiano.

No trabalho que desenvolvo, ensaio pôr em prática este diálogo, convocando conceitos que são abordados em ambas as correntes. Se para a análise, por exemplo, de um discurso político posso privilegiar as teorias da argumentação, perscrutando igualmente as estratégias ao serviço da construção do *ethos* e do *pathos*, na análise de comentários nas redes sociais posso convocar outros princípios de produção textual e ater-me em mecanismos da construção da

coerência, como a referenciação, a intertextualidade, a multimodalidade e a retextualização.

Advogo, pelas razões anteriormente invocadas, a perspectiva que tem sido ampla e brilhantemente trabalhada no Brasil, nomeadamente pelas professoras Ingedore Kock, Lenor Fávero, Vanda Elias, Monica Cavalcante, Sueli Marquesi, Ana Lúcia Tinoco Cabral, entre outras, que muito têm contribuído para criar pontes de diálogo entre as diferentes correntes teórico-metodológicas.

Entrevistadores: A Linguística de Texto é uma perspectiva que tem sido muito relacionada ao ensino de língua portuguesa. Quais são os principais desafios dos pesquisadores que buscam adotar um viés textual em suas investigações acerca de aspectos didáticos?

Entrevistada: Convoco uma epígrafe que subscrevo em absoluto de Geraldi : “O texto abre portas para o inusitado, para o mundo da vida invadir a sala de aula, para o acontecimento conduzir a reflexão, sem que os sentidos se fechem nas leituras prévias e privilegiadas com que os trechos têm sido silenciados quando presentes na sala de aula” (W. Geraldi, *Aula como acontecimento*, 2010, p. 124.) A perspectiva mais ampla de texto, tão bem ilustrada pelo saudoso Professor Luiz Antônio Marcushi, está na base dos pressupostos da Linguística Textual, “enquanto estudo das operações linguísticas e cognitivas reguladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos orais e escritos” (Marcuschi 2012, p.33). Partindo destes pressupostos e dado que a Linguística do Texto convoca estratégias, expectativas e conhecimentos linguísticos e não linguísticos, o seu conhecimento é de crucial importância no ensino da língua, a fim de ajudar no desenvolvimento de capacidades hermenêuticas de leitura de descodificação e de escrita.

Ignorar um sólido conhecimento dos pressupostos teóricos da Linguística Textual na formação de professores de todos os níveis de escolaridade perpetuará as dificuldades na interpretação de textos e, sobretudo, no desenvolvimento de uma consciência crítica quer de leitura, quer de escrita. Fundamenta-se, assim, a necessidade de contemplar nos *curricula* das universidades, na formação de professores de língua portuguesa, uma sólida formação em Linguística Textual, em Análise do Discurso, em conjugação naturalmente com a didática do português.

Permita-me exemplificar com a necessidade de conhecimento das macroestruturas textuais, no sentido que foi proposto por van Dijk: as macroestruturas semânticas ou temáticas, relativas ao conteúdo da informação; as macroestruturas pragmáticas que se atêm na

organização das sequências de atos de fala; e as macroestruturas formais ou superestruturas, que são dotadas de uma relativa estabilidade, tendo esta noção evoluído, a partir da perspectiva de Jean-Michel Adam, para a noção de plano de texto.

Ora um texto evidencia uma indissociabilidade entre as macroestruturas e as microestruturas textuais que são mobilizadas conjuntamente.

Retomando a sua questão, um dos principais desafios para os pesquisadores que privilegiam o viés textual é trabalhar, de forma empenhada e sistematizada, as estruturas gramaticais da língua a fim de conhecer explicitamente o seu funcionamento e, a par dessas sistematizações, desenvolver trabalho sobre o funcionamento dos textos, articulando os planos microlinguístico e macrotextual, discutindo géneros de textos, descortinando regularidades, investigando fenómenos como a coerência e a coesão, tal como é sublinhado por uma das maiores especialistas portuguesas na área, M.A. Coutinho (2011, p. 191-220).

Entrevistadores: Ainda se tratando da relação entre Linguística de Texto e ensino, vemos com muita frequência o agenciamento dos conceitos de coesão e coerência como representativos dessa abordagem teórica, sugerindo uma visão empobrecida das suas potencialidades. Que outros conceitos você destacaria como produtivos para o tratamento didático dos textos?

Entrevistada: Na contemporaneidade, subscrevo uma orientação mais consentânea com os tempos que vivemos, em que há uma omnipresença do digital, pelo que para além dos conceitos canónicos que ensinamos e que aplicamos na interpretação dos textos canónicos, importa encarar, de resto, como tem sido superiormente sublinhado por alguns linguistas brasileiros, entre os quais me permito destacar a Professora Vanda Elias, outras especificidades e dar relevo às questões da multimodalidade, do hipertexto, ensaiando decodificar as práticas comunicativas em contexto digital. Pensar o texto nos dias de hoje, quer na produção, quer na interpretação, implica pensar a coesão e a coerência interligando-as com os princípios da fragmentaridade, da virtualidade, da conexidade, da não linearidade, da intertextualidade, da elevada interatividade, mas também da volatilidade, da efemeridade. E ter igualmente presente a necessidade de trazer justamente para a sala de aula os próprios celulares, analisar as interações verbais produzidas por exemplo no Whatsapp, identificar as marcas de oralidade na escrita digital, questionar o uso de emojis e os seus valores modalizadores, estudar a dêixis social mostrar a ligação entre recursos linguísticos e recursos multimodais como desencadeadores da referência e da coerência. Outros conceitos

igualmente relevantes que são abordados no âmbito da Análise do Discurso Digital dialogam igualmente com os da Linguística Textual. Refiro os trabalhos importantes de Jacques Anis, David Crystal, Naomi Baron, Susan Herring, Michel Marcoccia. E, mais recentemente, a obra *L'analyse du discours numérique. Dictionnaire des formes et des pratiques*, (2017), de Maria-Anne Paveau, em que a linguista sustenta reflexões que postulam uma abordagem diferente, na medida em que defende uma linguística simétrica e pós-dualista, rompe definitivamente com a concepção logocêntrica da linguagem e privilegia a coconstrução discursivo-textual, integrando os dispositivos tecnológicos.

Considero extremamente produtivos alguns dos conceitos explicitados por Paveau que a autora retoma de outros campos disciplinares, como o de *extimité* (extimidade), que convoca da psicologia social de Tisseron 2011, de '*produsage*' de Burns (2007), ou '*environment*', emprestado da cognição social e que são alternativas eficazes às noções clássicas de 'contexto' ou 'condições de produção'. A título de exemplo, considero crucial para uma análise linguístico-textual de alguns posts de redes sociais a noção de “extimidade” para se poder compreender a construção do *ethos*.

Entrevistadores: O uso das novas tecnologias tem sido uma das grandes temáticas da atualidade. Na pesquisa linguística e no ensino de língua portuguesa, há muitos trabalhos sendo desenvolvidos a fim de torná-las uma realidade cada vez mais presente. Diante disso, quais caminhos ainda devem ser percorridos em prol desse avanço?

Entrevistada: Há inúmeros caminhos a percorrer. Desde logo, importa saber construir um diálogo entre as várias correntes de análise linguística, entre os múltiplos enquadramentos teórico-metodológicos, distanciando-nos progressivamente de uma metalinguagem, por vezes, hermética e indecifrável, de cada uma das abordagens. Hoje, importa, quer na pesquisa, quer no ensino da língua portuguesa, manter um olhar atualizado e incorporar como objetos de análises textos multimodais, interações verbais em ambiente digital, nas redes sociais, *corpora* digitais, pois são esses que dominam o quotidiano dos estudantes e com os quais manifestam maior afinidade e interesse. Por vezes, um *post* numa rede social, com os milhares de comentários que despoleta, é, por si só, um repositório inestimável para estudar vários fenómenos linguísticos, pelo que não podemos menosprezar este campo.

Apesar de parecer apenas focada no presente e na comunicação digital, defendo concomitantemente a necessidade de não olvidar a importância dos Estudos Filológicos, da

Retórica, das milenares teorias da Argumentação, da História da Língua e de saber transmitir e aplicar os conceitos, valorizando os estudos de diacronia.

Entrevistadores: Por fim, tendo se passado dois anos de uso das tecnologias digitais da informação e comunicação na mediação pedagógica, no contexto pandêmico, qual a sua avaliação sobre as perspectivas que se abrem e os desafios que ainda precisam ser superados nessa relação entre tecnologia e educação?

Entrevistada: Um dos grandes teorizadores portugueses, Professor Doutor António Dias de Figueiredo, que muito tem refletido sobre o uso das tecnologias digitais na educação, afirmou o seguinte: “A pandemia trouxe a educação à distância para as nossas casas. De um dia para outro, toda a gente passou a falar de educação à distância. A expressão, que já era controversa no contexto profissional onde era usada, explodiu subitamente, num fogo de artifício de interpretações coloridas e ilusórias que lhe destruíram de vez o significado. Quando hoje se discute a educação à distância a expressão já não quer dizer nada.

A ironia desta efervescência é que a dicotomia entre mundo presencial e mundo online é hoje um falso problema. Os dois mundos já não têm fronteiras. Raras são hoje as atividades individuais e sociais que prescindem das tecnologias digitais, do uso dos telemóveis, da comunicação na Net ou do acesso a repositórios na “nuvem”, onde, de resto, já se encontra armazenada a maior parte dos nossos dados”. (<https://sinalaberto.pt/os-equivocos-da-educacao-a-distancia/>).

O meu testemunho vai justamente neste sentido. Sou professora universitária há quase três décadas e leciono na única universidade pública de ensino a distância em Portugal. Todos os cursos, quer de graduação, quer de pós-graduação são em regime de *e-learning*, ou seja, os alunos podem viver no Brasil ou na China e concluir, com êxito, os seus estudos universitários, ou mesmo um pós-doc, sem nunca saírem dos seus países. Para mim, o meu contexto de ensino quotidiano é, há décadas, através das tecnologias, em plataformas de ensino, em fóruns sobretudo assíncronos, pelo que o contexto pandémico praticamente não alterou a minha prática docente. Como pesquisadora senti mais os efeitos da pandemia, na medida em que viajava muito, por questões de trabalho, nomeadamente para o Brasil, pois colaboro com vários grupos de pesquisa brasileiros e, com o confinamento obrigatório, praticamente durante dois anos, deixei de viajar. Enalteço, contudo, as apostas alternativas que foram criadas, designadamente no Brasil, as *lives*, as reuniões síncronas, os cursos que pude ministrar ou seguir e usufruir que comprovam que nos sabemos reinventar e superar as

vicissitudes e dificuldades dos momentos exigentes. E, porque sou linguista, permitam-me destacar a fabulosa e precursora iniciativa da Associação Brasileira de Linguística, com a organização do ciclo de conferências, de elevadíssimo nível, de uma vasta amplitude, com os mais reputados linguistas de todas os domínios. A pandemia concedeu-nos essa possibilidade única de nos conhecermos melhor, de partilharmos as nossas reflexões, de estreitarmos contactos, de convivermos assim, à distância de um clique, com a nossa bibliografia, configurando uma ocasião única de, embora timidamente, colocar questões aos que nos inspiram, o que é algo verdadeiramente histórico e transformador.

Há, contudo, alguns desafios que precisam ser superados nesta vasta área da educação: para mim, o mais importante é indubitavelmente que a educação incorpore a tecnologia, em vez de a rejeitar, e que transforme o seu uso recreativo, indiferente e alheado num uso profissional, competente e humano, como defende Dias de Figueiredo. Defendo que a tecnologia deve estar ao serviço da superação das desigualdades, deve ajudar a construir a autonomia na aprendizagem e deve, sobretudo, ajudar a desenvolver comunidades de aprendizagem, com redobrado espírito de partilha e de construção colaborativa de saberes, promovendo e consolidando o conhecimento quer de professores quer de alunos. E ousar defender um percurso gradual de apropriação cultural do telemóvel /celular na prática pedagógica. “Um *smartphone* serve, hoje, para tudo. É livro, dicionário, enciclopédia, biblioteca, câmara fotográfica, laboratório fotográfico, câmara de vídeo, estúdio de cinema, sala de aula, oficina de artes gráficas, digitalizador de texto e imagem, redação de jornal, sala de reuniões, museu, calculadora científica e gráfica, ambiente de cálculo matemático, sistema de gestão de bases de dados, processador de texto, folha de cálculo, instrumento de comunicação, equipamento de medida, simulador, coletor de dados biológicos, identificador de plantas e animais, instrumento de diagnóstico de doenças, mapa, atlas, bússola, instrumento de navegação e se o soubermos ensinar a usar, nas sua multiplicidade de funções, estaremos a valorizar um instrumento suscetível de apropriação cultural plena”.

Muitos desafios têm ainda de ser superados, como é afirmado. Todavia, o contexto pandémico que malogradamente nos assaltou nos últimos dois anos (2020-2022) permitiu ou exigiu (re)pensar a educação e a transmissão de conhecimentos. De uma forma distinta, inovadora e criativa. Apesar do sucesso das teorias socioculturais da aprendizagem, a socialização estava sujeita às limitações da interação presencial. Com a eclosão dos espaços *online*, a socialização expandiu-se, enriqueceu e tornou possível a aquisição de conhecimento tácito em larga escala através da comunicação online. O que mais realço e o que configura, desde já, uma mudança de paradigma é a constatação de um progressivo fascínio pela

construção autónoma do saber. Assiste-se a uma transição da pedagogia da explicação (com hábitos enraizados de passividade e de dependência) para a pedagogia e cultura da autonomia (com hábitos de colaboração e de construção conjunta do conhecimento), o que mostra que quem deseja aprender o faz por si, com entusiasmo e confiança, mesmo que seja frequentando um qualquer curso gratuito - MOOC (Massive Online Open Course) de uma prestigiada universidade.

Neste ano, em que se cumpre o centenário do nascimento de Paulo Freire, a cujos textos regresso com frequência, comungo dos seus pensamentos e termino com uma citação desse vosso/nosso grande pedagogo: “A alegria não chega apenas no encontro da procura, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da generosidade e da alegria.”